

A EDIÇÃO MODERNA DE TEXTOS DO “SIGLO DE ORO”: O CASO DE “*EL PASTOR DE FÍLIDA*”*

Cristina Castillo Martínez (Universidad de Jaén)

Tradução: *Priscilla Lessa Machado* (UERJ)

OS LIVROS DE PASTORES

Quando se fala dos livros de pastores parece que não há espaço maior que para “*Los siete libros de La Diana*” de Jorge de Montemayor e para suas mais imediatas continuações, deixando à margem o resto das obras que fazem parte deste gênero, ainda desconhecido por muitos. Entretanto, hoje em dia conservamos um *corpus* de vinte e cinco títulos, sem contar aqueles nos quais o pastoril é sempre anedótico (CASTILLO, 2005). Desta vintena de obras, mais da metade está sem editar; o que supõe um enorme obstáculo para seu estudo. Apenas se voltou à atenção aos textos das origens: a já citada *Diana* de Montemayor, *La Diana enamorada* de Gaspar Gil Polo ou a obra daqueles autores quem a história concedeu um lugar privilegiado dentro da literatura: seja Cervantes, com sua *Galatea*, ou Lope de Veja, com *La Arcadia*, além de algum outro título do que unicamente existe uma edição fac-similar. É preciso uma análise detalhada que faça estas obras acessíveis a um público mais amplo.

1. *El pastor de Fílida*

Estranhava, no entanto, que até muito pouco não se houvesse feito uma edição crítica, séria e cuidada, de um dos textos da primeira etapa do gênero: *El pastor de Fílida* (Madrid, 1582), de Luis Gálvez de Montalvo¹⁴. Sobretudo, por se tratar de uma obra em questão

* Este trabalho se realizou no marco do projeto *Gran Enciclopedia Cervantina* – Versão Digital, projeto concedido pelo Ministério de Educação com referência: HUM2006-06393, e dentro das atividades do grupo de Investigación da Universidad de Alcalá – Comunidad de Madrid “Seminário de Filologia Medieval e Renascentista” com referência: CCG06-UAH/HUM-0680.

¹⁴ José María Alonso Gamo nos oferece informação sobre o autor: *Luis Gálvez de Montalvo. Vida y obra de ese grande ignorado*. Guadalajara: Diputación, 1987, e Francisco Rodríguez Marin: *La Fílida de Gálvez de Montalvo*. Madrid: RAE, 1927.

muito bem escrita e sabendo, ademais, que Miguel de Cervantes havia elogiado o seu autor no *Canto de Calíope*¹⁵ e a tinha salvo da queima no famoso escrutínio da biblioteca de Don Quixote:

"– Não é esse o pastor – disse o padre –, senão muito discreto cortesão; guarde-o como joia preciosa."

Não é o momento de discutir se merece ou não este qualificador (aumentado, provavelmente pela relação de amizade que unia ambos os escritores); e sim que é pertinente, por outro lado, aludir a sua tradição textual.

2. Testemunhos

Conhece-se a vida deste texto através dos cinco testemunhos impressos que conservaram em datas não muito afastadas no tempo, o que resulta no sucesso da obra. Não podemos esquecer que ela surge uns vinte anos depois que se inaugura o gênero e que, até então, esta temática devia encantar aos leitores.

Esta é a descrição desses cinco testemunhos:

1) [*El Pastor de Fílida*]. Madri. [s.i.] 1582. Trata-se de um exemplar único na Real Academia (RAE R63), do qual faltam duas folhas dos preliminares. 8°. Apresenta erros nas notas: Mm² (em vez de Nn²), Qq² (Qq³), Qq³ (Qq²). E também, erratas na foliação: 38 (em vez de 40), 49 (41), 41 (43), 43 (45), 45 (47), 91 (61), 108 (208), 100 (210), 122 (222), 221 (231), 307 (305), 3,09 (306). O que fica dos preliminares corresponde ao *Privilegio* (Lisboa, 13 de agosto de 1581), os sonetos, a dedicatória e "O autor ao livro". Nicolás Antonio, em sua *Bibliotheca Hispana Nova*, recolhe a notícia desta edição. Também se faz eco dela Mayans, em 1792, no prólogo de sua edição. Em 1891, Cristóbal Pérez Pastor (1891)¹⁶ identifica como dessa edição o exemplar hoje conservado na Real Academia Espa-

¹⁵ "o raro engenho e o valor elevado/ de Luis de Montalvo, lhe asseguram/ glória e honra enquanto os céus duram" (*La Galetea*, libro VI).

¹⁶Na Biblioteca da Real Academia Espanhola há um exemplar, por desgraça faltou ao princípio e ao final, mas que sem dúvida corresponde a esta raríssima edição príncipe.

nhola, escasso de folhas no princípio e no final. E o mesmo faz, mais recentemente, Yolanda Clemente San Román (1998).

2) *El pastor de Philida*, Lisboa [Belchior Rodrigues] 1589. Vai encabeçado por uma gravação xilográfica que representa a um pastor tocando a flauta andina junto da árvore, com duas bandas decorativas a direita e a esquerda. Está dirigido a Don Enrique de Mendoza y Aragón. 80 x 120 mm. 248 f. Advertiram sobre os seguintes erros na paginação: 52 (em vez de 76), 5 (em vez de 50), 14 (em vez de 143), 220 (em vez de 228), 230 (em vez de 232). Preliminares f. 1-8r. Na BNE se conservam três exemplares; cito por R/13074, com selo de Pascual de Gayangos e encadernação em pasta. Consulte também R/7058 e R/8408. BMPS. R-IV-2-32. Fundação Lázaro Galdiano. British Library 1208.a.6 (deteriorado) e G. 10918. Municipal de Lyon 802.328.

3) *El pastor de Philida*, Madri, Viúva de Alonso Gómez, 1590 (SAN ROMÁN, 1998, II, n.º 444).¹⁷ 8.º. – A –Y⁸. – [1-2]3-175 f., 1h. Apresenta erratas em notas: sem assinar A², N⁵. E também erratas na paginação: 4 (em vez de 48), 11 (118), 116 (126), 156 (159), 17 (171). 100x 150 mm. Adiciona fé de erratas: *Este livro intitulado Pastor de Filida está com estas emendas conforme o seu original. ERRATAS. F. 2.* Inclui uma xilografia com o retrato do autor, f. 2v. Censura de Pedro Laínez. Madri, 2 de Junho de 1581. Licença de Cristóbal de León. Madri, 3 de Novembro de 1589, f. 3v-4r. os sonetos e a dedicatória são os mesmos que na edição de 1589, ainda que neste caso assinale a data desta última (Madri, 20 de fevereiro de 1582). Cito pelo exemplar conservado na BNE R/1522, sem a capa, [Capa reconstruída em duas partes: uma primeira moldura orneada reúne, a mão, o título da obra; um segundo, o nome do autor, e sob este, a data, ainda que pareça com erro na data]: *EL PASTOR | de Filida | POR LVIS GAL-* | ves. De Montal. | vo. | *.Em Madri ano 1589.* Fecha a obra o soneto – também reconstruído – “Por mas que el viejo segador vsado / la hoz estienda por la mies amiga” (f. 175). Há um exemplar na British Library 1075.e.5. A edição foi reunida num volume junto com *El pastor de Iberia* de Bernardo de la Veja

¹⁷ Esta edição madrilenha de 1590 também aparece recolhida nas obras já citadas de Nicolás Antonio e Pérez Pastor.

(Sevilha, 1594), que pode ser consultada na Biblioteca de El Escorial sg/22-V-39.

4) *El pastor de Fílida*, Madri, Luis Sánchez, 1600. [Escudo com o lema: *Ave Maria Gratia Ple*]. Os preliminares são os mesmos que na edição de 1590, ainda que se incorpore a taxa (28 de outubro de 1600), e uma nova licença (Madri, 2 de junho de 1600, f. 4-5), ambas assinadas por Miguel de Ondarza Zavala. Depois somente aparecem os sonetos de Diego de Lasarte, Pedro de Mendoza e Gregorio Godoy, além da carta dedicatória a dom Enrique de Mendoza. Estes três sonetos voltam a se repetir ao final, junto com o soneto do autor ao seu livro e o de dom Lorenzo Suárez de Mendoza. Colofão: *EM MADRI, | Por Luis Sanchez, | Ano M.DC.* 8 hs + 165 f. + 2 hs. 92 x 157 mm. Cito pelo exemplar conservado na BN R/10426 (num dos primeiros fólhos alguém escreveu um fragmento do famoso escríptio da biblioteca de don Quijote no qual se faz alusão a esta obra, também em inglês. Selo de Pascual de Gayangos). R/1554 (a este exemplar faltam fólhos iniciais e finais. Erros de numeração que não afetam à leitura). BMPS R-III-4-27, R-VIII-4-1. Biblioteca Colombina de Sevilha 140-2. British Library 12490.b.28.

5) *El pastor de Fílida*, Barcelona, Estevan Liberós. 1613. [Escudo com um mar estrelado]. [Escrito a mão “Livro muito lindo”]. 8 hs + 167f. 95 x 152 mm. 8°. BNE R/1533. Não incorporaram, nos preliminares, os sonetos de Diego de Lasarte. Francisco de Mendoza e o doutor Campuzano, que sim que aparecem, com a exceção deste último, no colofão, junto com o soneto ao livro do seu autor e a repetição dos de Pedro de Mendoza. Lorenzo Suárez de Mendoza e Gregorio Godoy. Real Biblioteca I/B/160. ERA S.Coms. 25-D-16. Biblioteca de Castilha – La Mancha (Toledo) 23229. RAH 16/1042. Biblioteca Histórica M. de Valdecilla 28967. British Library 243.e.33.

A análise e o cotejo de todos eles permite estabelecer o stemma abaixo (Cf. página seguinte).

Se o observarmos detalhadamente, veremos que o texto mais antigo é o que menos erros contém e, portanto o mais próximo ao arquetipo. Lisboa e Madri 1590 derivariam diretamente da *princeps*, já que no têm erros comuns compartilhados. As variantes de Lisboa, que são muitas, não passam a nenhuma das edições posteriores, en-

É a primeira edição anotada de *El pastor de Fílida*. O responsável foi Juan Antonio Mayans, irmão do erudito ilustrado Gregorio Mayans. Tomou como ponto de partida a edição de Madri de 1600, mas sem perder de vista a de Lisboa, 1589. O problema é que tem numerosas variantes e se afasta bastante do arquétipo. Tende a modernização das grafias e inclusive sua intervenção vai mais além, ao corrigir, por exemplo, casos de laísmo e leísmo; ou ao realizar transformações discutíveis como *agiuelo* em *abuelo* ou *captivo* em *cautivo*. Não obstante, é uma edição que há que ter presente pois foi a que se leu durante o século XIX, e inclusive no início do XX.

Foi Marcelino Menéndez y Pelayo quem decidiu editá-la de novo¹⁸, em 1907 na *Nueva Biblioteca de Autores Españoles*. Esta mesma edição a incorporou em 1931 no segundo volume de *Los orígenes de la novela* (p. 482-583). Bem é verdade, que reproduz o texto de 1792, com o qual voltaríamos à edição do século XVIII. De maneira, que sua colaboração consistiu, sobretudo, em enquadrar o texto em uma tradição literária concreta (da que fala por extenso no primeiro volume de *Los orígenes de la novela*), sem incidir no estudo da transmissão textual da obra e sem deter-se a especificar os critérios seguidos na hora de editá-la. Definitivamente, continuava ficando, portanto, muito caminho por percorrer.

Passariam mais de 80 anos para que alguém, neste caso desconhecido, tomasse a testemunha. A pena é que foi numa direção incorreta. Refiro-me a edição publicada em 1994 pela Prefeitura de Guadalajara com a única intenção de se fazer conhecer o texto de um autor alcarrenho (nascido até 1540-42), segundo se deduz do caos que resulta: Não se indica a edição da qual se tomou, ainda que uma leitura atenta permita adivinhar que o desconhecido editor leu a de Menéndez Pelayo (que é quase como dizer que leu a de Valencia de 1792). Não se mostra uma preocupação manifesta pela restauração do texto. Não aparecem notas ao pé da página, nem muito menos se especificam os critérios que seguiram. Poderíamos pensar que se trata de uma edição de divulgação, carente de toda anotação para apresentar o texto limpo ao leitor majoritário. O problema é que está cheia de erratas.

¹⁸ *El Pastor de Fílida*. Compuesto por Luis Gálvez de Montalvo, gentil-hombre cortesano.

O seguinte elo desta cadeia leva a data do ano 2000, em que Miguel Ángel Martínez San Juan defende sua tese de doutorado intitulada *Estudo e edição de “El pastor de Filida” por Luis Gálvez de Montalvo*, publicada em Madri, Universidad Complutense, 2003. Mas tampouco nesta ocasião se recorre como se poderia pensar, ao texto mais antigo. Em sua tese, Martínez San Juan afirma tomar como modelo o de Lisboa de 1589, por considerá-lo, como ele mesmo indica, uma edição “idêntica a primeira, mas tipograficamente mais cuidada”, tratando, assim, de desculpar, entre outros aspectos, a perda de fólhos nos preliminares da *princeps*. O problema é que tomou o exemplar que se encontra na BNE R/1522, sem advertir que o volume está mal catalogado, e que, na realidade, não corresponde a Lisboa, e senão a de Madri, 1590¹⁹. O erro procede da capa que foi reconstruída a mão com a indicação equivocada de Madri, 1589, de acordo com a licença outorgada nesse ano. De fato, se confrontarmos este exemplar com os outros três que se conservam advertiremos rapidamente o erro (pois nada tem que ver com a edição de Lisboa e sim com os outros três exemplares que se conservam de Madri 1590). Um fato que nos conduz à confusão a todos os que nos aproximamos a este texto pela primeira vez.

Entretanto, o próprio Martínez San Juan desculpa este erro na edição publicada em 2006 dentro da coleção “Autores recuperados” do Serviço de Publicações da Universidad de Málaga (2006). Ali compara R/1522 com os três exemplares de Lisboa que conservam na BN: R/13074, R/7058 e R/8408, e as diferenças encontradas lhe levam a afirmar que “este exemplar corresponde à terceira edição, publicada em 1590 (ainda que na restauração, levada a cabo pe-

¹⁹ “Para o estudo e edição de minha tese me baseei na segunda edição de *El pastor de Filida*, publicada em Lisboa em 1589, idêntica à primeira, mas tipograficamente mais cuidada. Valho-me, em concreto, do exemplar R 1522 da Biblioteca Nacional de Madri. / Modernizei a acentuação e pontuação do texto segundo as normas acadêmicas vigentes, assim como a separação de palavras e o uso de maiúsculas e minúsculas. / Iguualmente, atualizei a ortografia pelo qual modernizo o uso de *b* e *v* (estava, yervas); transcrevo *u*, *v*, *i*, *j* e segundo critérios modernos (*estava*, *vno*, *luno*, *trage*, *quexas*, *deys*, *yqual*); ajusto ao uso de *h* (*ombros*, *abiles*, *eladô*); modernizo a transcrição do grupo *qu* + *vocal* pelo qual desenvolvo sua abreviatura, (*quando*, *quanto*, *qual*); transcrevo o *ç* por *z* ante *a*, *o*, *u* e por *c* ante *e*, *i*. Simplifico os grupos consonânticos *sc*, *pt*, *ct*, *chr* (*sciencia*, *conoscimiento*, *escripto*, *respecto*, *christianisimo*); respeito as formas *comino*, *benino* nos versos por razões de rima. / Por outro lado desfazo as contrações do tipo *Del*, *deste*, *dellos*, mas os mantenho nos versos por razões de ritmo e rima”. p. 317.

la BN, escrevam 1589), e, é sem dúvida alguma a mais completa de todas" (*Op. cit.*, 187-188).

Não obstante recorre ao exemplar da ERA R-63. A margem das questões vinculadas à crítica textual, é justo destacar o amplo e interessante estudo que realiza sobre a obra, a relação que estabelece com os tratados filográficos, ou o estudo que elabora sobre os aspectos narratológicos, estruturais e estilísticos, assim como dos versos nela inseridos. Oferece uma edição anotada e nos dá uma sucinta nota sobre os critérios de edição seguidos: da que se destaca sua inclinação à modernização do texto, como fazem boa parte dos editores de obras do Siglo de Oro, frente aos medievalistas que o consideram uma intervenção pouco respeitosa por este.

É necessário dizer que a tese, conforme é habitual na Universidad Complutense, está publicada em CD-ROM. Pode ser acessada também através da internet, com a exceção de que a parte correspondente da edição não está exposta na rede, não sei se de uma maneira consciente ou por erro.

O final do percurso se vislumbra no fim de 2006, quando Julián Arribas Rebollo publica *El pastor de Fílida*, em Valencia, Albatroz Hispanófila, com uma clara e visível preocupação por estudar a transmissão textual desta obra. É a primeira vez que se recorre à *princeps* (Madri, 1582) para a edição. O estudo prévio, em que supõe muitas horas de trabalho, atende tanto ao lugar que a obra de Gálvez de Montalvo ocupa dentro do gênero dos livros de pastores como à descrição das edições conservadas, das que oferece um minucioso catálogo que permite seguir com clareza a proposta de transmissão que apresenta: a Arribas pertence o *stemma* que comentamos superficialmente mais acima. Incluí, além disso, uns apêndices muito úteis com informação relativa aos erros e variantes, capas, preliminares..., assim como índices de primeiros versos e de personagens.

Os limites de espaço impedem que me detenha com mais tranquilidade na minuciosa análise que realiza de cada uma das edições antigas. Mas, sim quero aludir à comparação de algumas variantes que aparecem na edição de Lisboa de 1589, por ser um claro exemplo da importância que devemos prestar à tradição de um texto determinado e à seleção do códice apropriado nas edições modernas, já que pode afetar à leitura do texto, pode condicioná-la.

Lisboa 1589 apresenta muitas variantes e algumas muito peculiares. O mais chamativo é que boa parte delas consistem na eliminação de alguns termos procedentes do léxico mitológico e também do religioso ou na substituição por outros que não tenham nenhuma conotação problemática. Tentam evitar que o mundo profano e o sagrado se reúnam em uma mesma frase, fazendo visível a censura inquisitorial portuguesa. Estes são alguns dos exemplos que nos dá Julián Arribas:

- Assim, em todas as edições aparece: “o Tajo, morada antiga das sagradas musas”.
- Enquanto Lisboa lê apenas **musas**: (“o Tajo, morada antiga das **musas**”)
- Acontece algo similar com os versos: “dormindo estava com descuido e gana / pequerrucho **deus do amor**, deitado”. Onde “deus do amor” se substitui em Lisboa por “Cupido” (“dormindo estava com descuido e gana/ o pequerrucho **Cupido**, deitado”)
- “Fílida ia ao templo de **Pão, deus dos pastores**”, dizem todos. Enquanto em (L) se omite “deus dos pastores” (“Fílida ia ao templo de **Pão**”)
- As “Esmeraldas **divinas**” se convertem em “Esmeraldas **tão finas**”.
- E “Carregue joh mar! Em teu **sagrado** seio esta nacela” em “Carregue joh mar! Em teu **amplo** seio esta nacela”.

Mas nem tudo vão ser felicitações para a edição de Arribas Rebollo. Alguns pontos dos critérios de edição são discutíveis, como quando opta por modernizar os casos de alternância de diversas formas, que qualifica de inconsistência gráfica, como é o *agora, aora* ou *ahora*, com uma mímica no que a riqueza léxica se refere.

Pedir mais à edição de um texto que muitos consideram secundário poderia parecer pretensioso, quando não inútil, e mais depois da publicação de uma edição tão completa como esta, mas ainda correndo o risco de que me tachem, vou pedir mais, ou a imaginar mais, pois enquanto escrevia estas páginas pensava no útil que seria ter todos os testemunhos de *El pastor de Filida* em formato eletrônico.

co, não já para o leitor convencional (pois duvido que muitos se aproximem de um texto semelhante e que, de fazê-lo, lhe agrade topar com uma abundante estrutura crítica), senão para o estudioso. A edição eletrônica permitiria fazer buscas de concordâncias daquelas variantes das que nos fala o editor, assim como de qualquer termo, expressão ou construção sintática que nos pudesse interessar num momento determinado. Uma estrutura crítica, previamente etiquetada, nos poderia levar de uma maneira imediata da edição de Madri 1582, à de Lisboa 1589 ou à esquecida de Barcelona, 1613, seguindo o exemplo do que nossos companheiros na Universidad de Deusto, estão concluindo através do portal Andrés de Poza, dirigido pela professora Camen Isasi. Obviamente seria um trabalho imenso, excessivo para uma única pessoa. E, desde então, seria complicadíssimo levar adiante um projeto assim se tratando de um texto considerado para muitos de segunda fila.

Pois bem, no caso de que pudesse levar a sério e de que alguém estivesse interessado nele, como editaria esses textos? Por que tipo de edição deveria se inclinar? Teria que estabelecer uns critérios únicos de edição válidos para todos os testemunhos? As respostas nos levariam mais tempo do que dispomos. O que está claro é que os problemas de edição textual continuariam estando presentes, e inclusive ao estudar toda a transmissão do texto de uma maneira conjunta se complicariam. Quiçá o mais útil seria realizar uma dupla edição da obra em cada um de seus estados: seria imprescindível uma edição crítica, de acordo com uns critérios estabelecidos, e não descartaria, em absoluto, uma reprodução fotográfica que permitisse advertir as características gráficas e facilitasse a comprovação da fidelidade ao texto, não apenas dos editores dos séculos XVI e XVII, senão também, e, sobretudo, dos editores modernos, pois se nos pusermos na pior e se depois do que viemos falando, sabemos que o erro é consubstancial à labor editora. Quem nos assegura que, por exemplo, Arribas Rebollo neste *Pastor de Fílida* de 2006 não errou ao transcrever o texto ou inclusive ao anotar as variantes? Comprová-lo seria realizar uma vez mais esse longo percurso de biblioteca em biblioteca, encomendando as cópias pertencentes de cada um desses textos e realizando uma leitura e uma *collatio* mais que minuciosa. Mas sim, uma vez que esse labor já estiver realizado, apenas queremos concluir algumas comprovações determinadas, a edição fac-similar fotográfica

fica eletrônica seria utilíssima. Estou complicando as coisas, mesmo sabendo que o editor, se quiser sobreviver como tal e se quiser terminar sua edição, não pode chegar tão longe em suas dúvidas e conjecturas.

Por pedir, que não fique, e se se trata de sonhar, ainda que seja com questões ecdóticas (que, desde então, não são os melhores sonhos, mesmo que tampouco são pesadelos), sonharemos.

Mas, às margens destas divagações (e vou terminando já) a edição de Arribas Rebollo, se não definitiva, é desde logo a mais completa, cuidada e trabalhada. Agora resta esperar que se difunda o exemplo com o resto dos livros de pastores, ou com tantas e tantas obras dos séculos de ouro que permanecem silenciadas no esquecimento. De maneira que aos estudantes que houver acudido, os animo a que se introduzam por estes meandros da edição de textos. Aqui apresentamos muitos problemas, e não incidimos no muito que se aprende no caminho, no prazer de trabalhar com textos antigos que tanto têm que nos dizer sobre o passado. O que realmente os peço é que tenham cuidado com esses erros ou erratas que sempre estão, por muito que revisemos e comprovemos, para evitar que ocorra o que aconteceu ao mesmo Alberto Blecua quando descobriu que seu *Manual de crítica textual* se anunciava num catálogo como *Manual de crítica sexual*, algo que ele interpretou como uma *lectio facillior*.²⁰

REFERÊNCIAS

MARTÍNEZ, Cristina Castillo. La edición de textos del Siglo de Oro: El caso de *El pastor de Fílida*. In: MARTÍNEZ, Cristina Castillo; LUENGO, José Luis Ramírez (eds.). *Lecturas y textos en el siglo XXI*. Nuevos caminos en la edición textual. Lugo: Axac, 2009.

PASTOR, Cristóbal Pérez. *Bibliografía madrileña*. Madrid: Tipografía de los Huérfanos, 1891, vol. I. n° 170

²⁰ "Generalidades sobre crítica textual". *Signos viejos y nuevos. Estudios de historia literaria*. Barcelona: Crítica, 2006, 476.

SAN ROMÁN, Yolanda Clemente. *Tipobibliografía madrileña. La imprenta en Madrid en el siglo XVI (1566-1600)*. Kassel: Reichenberger, 1998, vol. I, n.º 244.

DICCIONARIO de la lengua española. Disponível em: <<http://buscon.rae.es/draeI>>. Acesso em 20 jan. 2010.